

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**AINDA A PREMÊNICA DE QUE AUSCHWITZ NÃO SE  
REPITA: ADORNO E A LINHA TÊNUE ENTRE EDUCAÇÃO E  
BARBÁRIE.**

João Vicente Hadich Ferreira – UENP  
[joohadich@uenp.edu.br](mailto:joohadich@uenp.edu.br)

**Eixo 8: Educação e Política**

**Resumo**

O presente trabalho justifica-se na perspectiva de pensar o fascismo e suas implicações como possibilidade sempre presente na linha tênue que separa a Educação da barbárie. Neste contexto, pensar o fascismo para além da sua manifestação num regime totalitário envolve a compreensão de que o mesmo se manifesta no cotidiano, naquilo que está latente nos indivíduos e expressa as condições para uma personalidade autoritária. Elementos que se constituem e se apresentam na contradição que se dá mesmo nas chamadas sociedades democráticas, nos campos da esquerda ou da direita, dentro de espaços religiosos ou alternativos, em redes sociais, nas manifestações das opiniões em qualquer âmbito, seja o familiar, o profissional ou o escolar. É daqui que se chega à efetivação dos totalitarismos do século XX. Utilizando-nos da pesquisa em fontes bibliográficas e de análises documentais, objetivamos refletir estas questões a partir dos estudos sobre a personalidade autoritária conduzidos por Adorno e seus colaboradores. Apresentando como hipótese que a educação deve ser emancipadora como contraposição a estas perspectivas, pretendemos promover a análise destas questões e suas implicações no campo educativo, considerando a importância do alerta de Adorno sobre a necessidade de que, após Auschwitz, toda educação seja uma educação contra a barbárie. Neste conjunto, o entendimento da política é importante para estas questões, partindo da compreensão de que a educação em Adorno é uma educação política.

**Palavras-chave:** Fascismo; Política; Educação.

**Introdução**

Dentre as questões que se apresentam no campo da educação contemporânea, parece-nos que aquela apontada por Adorno em *Educação após Auschwitz*, é das mais prementes. Que não se repita a barbárie é seu apelo. Ele evoca a memória que nos leva à imagem explícita do maior e mais cruel campo de concentração alemão, representante das "indústrias da morte" produzidas pelo nazismo na Segunda Guerra Mundial. "Que Auschwitz não se repita" é mais do que um apelo. É a constatação da possibilidade de seu retorno. Neste sentido, pensar a educação sem a consideração do pensamento

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

fascista, daquilo que são seus desdobramentos e de como se estabelecem suas bases e quais seus elementos de construção, parece-nos implicar em correr o risco de depositar nas técnicas e nos métodos educacionais uma expectativa que jamais se dará a contento. Da observação perspicaz de Adorno e dos trabalhos com Horkheimer e alguns dos frankfurtianos, além das correlações com o pensamento de Hannah Arendt, destacamos que a questão do fascismo e da personalidade autoritária, cerne para o desenvolvimento do primeiro, é central para a compreensão do processo educativo. No desdobramento disto, para o desenvolvimento de uma educação que seja emancipadora e não reprodutora ou, em contexto mais grave, favorecedora dos elementos necessários para o aflorar do pensamento fascista.

Neste contexto, a preocupação se dá com pensar o fascismo para além da perspectiva de sua macro manifestação em um regime totalitário. Esta, geralmente explicitada, torna mais claro o embate. O incômodo, entretanto, perpassa pelo entendimento daquilo que está latente nos indivíduos, que expressa as condições para uma personalidade autoritária. São elementos que se constituem e se apresentam na contradição que se dá, mesmo nas chamadas sociedades democráticas, nos campos da esquerda ou da direita, dentro de espaços religiosos ou alternativos, nas redes sociais ou na mera manifestação das opiniões em qualquer âmbito, desde o familiar ao profissional, entre outros. Daqui se chega à efetivação dos regimes totalitários.

Face a tudo isso, eis algumas questões suscitadas: quais as possibilidades, neste contexto, de enfrentamento a partir do campo da educação? Em que a educação pode ajudar ou em que se pode contribuir para a educação a partir destes entendimentos? Quais as correlações com a questão política, ética e estética e o papel de uma educação emancipadora que, apropriando-nos da expressão adorniana, manifesta-se numa educação contra a barbárie?

Sem a pretensão de respostas acabadas, numa perspectiva dialética e, mais ainda, de uma dialética negativa, desafiamo-nos a fundamentar e aprofundar os estudos sobre estas questões, caras ao pensamento dos frankfurtianos e muitos dos seus contemporâneos para, diante do contexto atual, pensar a educação. Deste modo, discutir a personalidade

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

autoritária, o fascismo e a educação se apresenta como necessário pois, entendemos, sempre é premente que Auschwitz não se repita.

Neste contexto, o objetivo geral consiste em refletir sobre a questão do pensamento fascista, a partir dos estudos sobre a personalidade autoritária conduzidos por Adorno e seus colaboradores e da compreensão de que a educação deva ser emancipadora como contraposição a estas perspectivas. Os objetivos específicos são: apresentar a definição conceitual de personalidade autoritária, considerando os estudos citados, discutir as peculiaridades do trabalho desenvolvido em conjunto com a psicanálise e os desdobramentos destes estudos no pensamento de Adorno e Horkheimer e, conseqüentemente, a crítica produzida ao fascismo. Por fim, promover a análise destas questões e suas implicações no campo educativo, considerando a importância do alerta de Adorno, da necessidade de que toda educação seja uma educação contra a barbárie.

### **Metodologia**

Adotamos como procedimento metodológico a pesquisa em fontes bibliográficas, análises documentais e outras que se fizeram ou ainda se façam necessárias, tanto dos autores referenciados como dos conceitos que se apresentam para discussão. É o caso, especialmente, de Theodor Adorno.

Com ele vislumbramos o estudo que coordenou nos Estados Unidos, registrado na obra *La personalidad autoritaria* (1965), além das clássicas discussões de *Educação e Emancipação* (1995) e *Dialética do Esclarecimento* (1985) – com Horkheimer. Várias outras obras são importantes para compreendermos melhor não apenas o pensamento do filósofo, mas os fundamentos da discussão a que estamos nos propondo tratar. Destacamos, por exemplo, as discussões de Martin Jay, em *A imaginação Dialética* (2008) e Wiggershaus, com o clássico *A Escola de Frankfurt* (2006). Inevitavelmente, o contato com Freud (1978) e a psicanálise em textos como *O mal-estar na civilização* e *Psicologia das massas e análise do eu*. Algumas outras obras serão consultadas, na expectativa de que contribuam para o nosso entendimento das questões apresentadas, como as que nos remetem às leituras de Ricardo Goldenberg (*Psicologia das massas e análise do eu*:

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**  
*multidão e solidão*, 2014) e Sérgio Paulo Rouanet (*Teoria crítica e psicanálise*, 1983).

### **Resultados e Discussão**

O que leva pessoas ou grupos diversos à escolha de uma minoria, daqueles que representam o diferente, como objetos de sua fúria, transformando-os em seus inimigos e contrapontos para explicar os problemas da sociedade e da existência? Há uma pulsão de morte que ecoa neste sentido, que transforma o outro em objeto da "purificação" daquilo que representa a projeção do próprio indivíduo para si. Por isso, na força do coletivo sente-se o agressor forte e sustentado pelo grupo para atacar aquele que representa sua fraqueza. Este "eleito" como alvo da violência nos mostra a contradição do existente, expõe nosso descontentamento e frustração com um mundo administrado, determinado e ao qual estamos sujeitados. Na contrapartida disso, entretanto, o ressentimento se dá, não contra o algoz ou os constituintes desta dominação e dos elementos de subjugação mas, paradoxalmente, contra a vítima que, na esfera da existência representa a si mesmo, no caso do fascista.

Neste ponto, destacamos a questão da política na relação com a educação não na perspectiva doutrinal, da "formação" política partidária ou dogmática, ou pautada numa concepção de educação "salvífica" capaz de "formar cidadãos críticos" no sentido formal ou teórico. Pensamos na sua relação com a liberdade, ou arendteamente pensando, no entendimento de que "a *raison d'être* da política é a liberdade e, seu domínio de experiência é a ação" (ARENDR, 2011, p. 192). Nesta condição, só pode agir aquele que é livre. E, liberdade, nesta concepção só é possível no espaço público, vivenciado pelos iguais, não porque pensam da mesma forma ou porque desejam as mesmas coisas particulares, mas porque estão liberados para a vida política e podem, nesta perspectiva, manifestar suas singularidades na pluralidade do pensamento e na efetiva ação (ARENDR, 2011). Igualdade, portanto, não se compreende como homogeneização, dissolução dos sujeitos ou das singularidades. Compreende-se, muito mais propiciamente, como a realização do exercício político, do espaço da liberação e da autonomia para a

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

ação, por isso público, em que não nos isentamos da relação com o outro, o existente e, nem tampouco, nos “liberamos” da convivência com a pluralidade, em todas as suas possibilidades. O contrário do fascismo.

O entendimento da política é importante para estas questões porque, em todas elas, há a construção de um pensamento que se solidifica pela compreensão ou falta de compreensão dela, ou seja, da politização ou despolitização das pessoas. Afastados da política nos afastamos da ação e da consequente transformação da realidade. Abrimos mão de um espaço que não pode ser de outros, mas que é ocupado por outros e que se transforma em qualquer coisa, menos no espaço da liberdade.

Neste sentido, o encaminhamento para o campo da ética é inevitável, pois tratada de modo interdisciplinar pela política também, a liberdade é mais do que a perspectiva do livre arbítrio ou da liberdade do indivíduo proposta pelo liberalismo na modernidade. Desafia-nos o entendimento de um conceito que passa pelo campo da responsabilidade moral, mas que também se manifesta na realização da ação humana para a transformação do mundo e dos homens. Nos sectarismos e autoritarismos suprime-se essencialmente a liberdade e manifesta-se a homogeneidade, a dogmatização do pensamento e a perspectiva de uma solução técnica e estratégica, não humanizadora. Parece-nos indissociável a condição humana de sua perspectiva ética e política. Se são suprimidas tais possibilidades existenciais, efetivamente desembocamos num processo desumanizador.

Como aponta Norberto Bobbio (2000, p. 481), “[...] a doutrina dos direitos do homem avançou muito” e, “mesmo que a meta final, uma sociedade de livres e iguais, não se tenha cumprido”, é fato que realmente “[...] já não será possível retroceder tão facilmente”. Entretanto, não se pode desconsiderar que a linha é muito tênue e que, uma *educação contra a barbárie*, como nos lembra Adorno (1995), parece premente numa sociedade em que o público se dissolve no privado e em que, o indivíduo, tão exaltado pelo liberalismo clássico e exacerbado num individualismo egocêntrico, homogeneizasse na massificação do consumo de tudo, das ideias às tecnologias gerando, inevitavelmente, o afastamento da política e da ética.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Por fim, o campo da educação aparece neste conflito entre humanização e desumanização, como o espaço para a formação ou deformação do existente. Na modernidade a educação assume um papel fundamental na proposição da criação de uma nova sociedade, de uma nova mentalidade. Na contemporaneidade o modelo se perpetuou, reforçando a ideia de educação geralmente numa perspectiva formatadora, para um tipo de sociedade desejado, em seus diferentes momentos.

Neste sentido, seja no processo de escolarização ou fora dele, a educação caminha como um instrumental para uma produção, com um fim definido em alguma condição e que é geralmente tratada como um produto ou bem de consumo. Assim, o controle sobre a educação segue os moldes fabris e a economicização da existência conduz todas as coisas para a constituição do pressuposto capitalista, transformando tudo e todos num grande mercado e numa grande negociação. Nesta perspectiva, mais do que a questão política e ética, vemos prevalecer as condições técnicas e produtivas para uma sociedade que busca a efetividade, a aplicabilidade e o resultado, não a formação humana.

### **Conclusões**

Ao defendermos a tese de uma educação emancipadora, compreendemos que a mesma pressupõe os seus desdobramentos no campo da liberdade e da transformação. Ou seja, uma educação que seja emancipadora pressupõe-se que seja libertadora e transformadora. É emancipado aquele que é livre, não especificamente no sentido da autonomia do indivíduo kantiano, do livre arbítrio cristão ou da condenação sartreana, mas no campo da ação, do exercício político que, inevitavelmente deve gerar a transformação em algum contexto. Deste modo, dentro da concepção deviriana do clássico pensamento do filósofo Heráclito, do conflito dos opostos surge o movimento como condição da mudança, da transformação da natureza. Ou seja, do desnudamento das contradições, poderíamos vislumbrar movimentos de resistência ao que está sujeitado.

Deste modo, a discussão com Adorno e Horkheimer, seus colaboradores e algumas passagens pelo pensamento de Hannah Arendt,

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

entre outros, representarão uma opção para o entendimento. Não uma absolutização do pensamento. Nas convergências e divergências estabelecemos o *topói* de onde partimos. Não na pretensão de dar conta de toda a complexidade dos seus pensamentos, mas no intuito de perceber o quanto há de elementos presentes nestas questões que nos remetem à compreensão do existente em sua singularidade e na relação com o outro e com os outros, principalmente sob o “céu dos tempos estranhos” em que vivemos. Neste conjunto, o entendimento da política é importante para estas questões, partindo da compreensão de que a educação em Adorno é uma educação política.

### **Referências**

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W (et. al). **La personalidad autoritaria**. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1965.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad.: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. de Mauro W. Barbosa de Almeida. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Apres.: Celso Lafer. 18. tiragem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

FREUD, Sigmund. **Textos escolhidos**. Coleção Pensadores. Seleção de textos: Jayme Salomão. Trad.: Durval Marcondes (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GOLDENBERG, Ricardo. **Psicologia das massas e análise do eu: multidão e solidão**. Org. Nina Saroldi. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

JAY, Martin. **A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950**. Trad.: Vera Ribeiro. Rev. da tradução: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**  
WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt**: história, desenvolvimento teórico, significação política. Trad. do alemão: Lilyane Deroche-Gurgel; Trad. do francês: Vera de Azambuja Harvey; rev. técnica: Jorge Coelho Soares. 2a. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.